

EDIÇÃO BRASILEIRA AUTORIZADA

Em busca da Apple Tree

*Revisitando os primeiros anos da Maçonaria inglesa
organizada*

ANDREW PRESCOTT

SUSAN MITCHELL SOMMERS

Tradução de Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis

Searching for the Apple Tree: Revisiting the Earliest Years of English Organized Freemasonry

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

2026

CRÉDITOS

Título original: *Searching for the Apple Tree: Revisiting the Earliest Years of English Organized Freemasonry*

Autores: Andrew Prescott (University of Glasgow) e Susan Mitchell Sommers (Saint Vincent College, Latrobe, Pensilvânia)

Publicação original: in John S. Wade (ed.), *Reflections on Three Hundred Years of Freemasonry: Papers from the QC Tercentenary Conference*. Hersham, Surrey: Lewis Masonic, 2017. ISBN 978-0-85318-546-8.

Apresentação original: comunicação lida no Congresso do Tricentenário da Grande Loja da Inglaterra, promovido pela Quatuor Coronati Lodge nº 2076, no Queens' College, Cambridge, em setembro de 2016. Versão anterior apresentada como a Dr Charles A. Sankey Lecture, na Brock University, Ontário, em 20 de março de 2016.

© Andrew Prescott e Susan Mitchell Sommers, 2017

© Lewis Masonic — Ian Allan Publishing Ltd., 2017, quanto à edição original

© Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis, 2026, quanto à tradução para a língua portuguesa

Tradução: Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis

Esta edição brasileira é publicada mediante autorização expressa dos autores, Andrew Prescott e Susan Mitchell Sommers, e de Lewis Masonic, detentores dos direitos da publicação original.

Todos os direitos sobre o texto original permanecem reservados aos autores e a Lewis Masonic. Os direitos desta tradução para a língua portuguesa pertencem ao tradutor. Nenhuma parte desta edição pode comercializada ou reproduzida sem autorização dos detentores dos direitos. Essa distribuição é gratuita para fins de estudos e pesquisas maçônicas no Brasil, com direitos devidamente concedidos ao tradutor.

Nota sobre o texto: a tradução segue o texto da comunicação tal como preparado pelos autores para o volume do tricentenário. Todas as notas de rodapé numeradas são dos autores e foram integralmente traduzidas e conferidas. As referências bibliográficas, títulos de obras, de periódicos e de fundos arquivísticos foram mantidos na língua original, conforme a praxe acadêmica. As eventuais notas do tradutor, em número mínimo, encontram-se reunidas ao final do volume.

Como citar esta tradução: PRESCOTT, Andrew; SOMMERS, Susan Mitchell. *Em busca da Apple Tree: revisitando os primeiros anos da Maçonaria inglesa organizada*. Tradução de Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis. Edição brasileira autorizada. São José dos Campos, 2026. Título original: *Searching for the Apple Tree: Revisiting the Earliest Years of English Organized Freemasonry*, in John S. Wade (ed.), *Reflections on Three Hundred Years of Freemasonry*, Lewis Masonic, 2017.

NOTA INTRODUTÓRIA DO TRADUTOR

Em 24 de junho de 2017, a Maçonaria de todo o mundo celebrou trezentos anos. A data remonta a uma cena que qualquer maçom sabe de cor: quatro lojas londrinas reunidas na taberna Apple Tree, em Charles Street, em 1716; a decisão de cimentar-se sob um Grão-Mestre; e, no dia de São João de 1717, na cervejaria Goose and Gridiron, junto ao adro da Catedral de São Paulo, a eleição de Antony Sayer como o primeiro Grão-Mestre da primeira Grande Loja da história. É a cena fundadora da Maçonaria organizada — pintada em quadros, gravada em joias, repetida em placas e painéis de milhares de lojas em todos os continentes.

O trabalho que o leitor tem em mãos sustenta que essa cena nunca aconteceu.

Não se trata de tese de folhetim nem de obra de detrator. É o resultado de uma releitura sistemática das fontes primárias, apresentada em setembro de 2016 no Congresso do Tricentenário promovido pela Quatuor Coronati Lodge nº 2076 — a mais antiga e respeitada loja de pesquisa maçônica do mundo — no Queens' College, em Cambridge, e publicada no ano seguinte por Lewis Masonic no volume *Reflections on Three Hundred Years of Freemasonry*. Seus autores não são polemistas: são historiadores de ofício.

Andrew Prescott é professor de Humanidades Digitais na Universidade de Glasgow, *Fellow* da Society of Antiquaries e da Royal Historical Society. Passou mais de duas décadas como curador de manuscritos na British Library e dirigiu, na Universidade de Sheffield, o Centre for Research into Freemasonry — o primeiro centro universitário do mundo dedicado ao estudo acadêmico da Maçonaria. Susan Mitchell Sommers é professora de História no Saint Vincent

College, na Pensilvânia, especialista na Inglaterra georgiana e autora de *Thomas Dunckerley and English Freemasonry* e de *The Sibyls of London*, publicado pela Oxford University Press. Ambos passaram anos nos arquivos ingleses: livros de taxas prediais, registros de licenças de taberna, atas de corporações de ofício, papéis de tribunais, jornais setecentistas.

E o que encontraram foi isto. A Grande Loja não foi fundada em 1717. Foi fundada em 24 de junho de 1721, no Stationers' Hall, em Londres, quando o Duque de Montagu foi instalado Grão-Mestre e as velhas lojas da cidade transferiram formalmente seus privilégios ao novo corpo. Antony Sayer, Jacob Lamball e os demais “primeiros Grandes Oficiais” não presidiram fundação alguma: eram homens em dificuldade que, na década de 1730, descobriram que uma pretensão de antiguidade valia dinheiro no caixa de beneficência da Grande Loja. E James Anderson, ao escrever as *Constituições* de 1738 — vinte e um anos depois dos fatos que dizia registrar, pago por página, sob ordem expressa da Grande Loja de imprimir a lista de todos os Grão-Mestres “desde o princípio dos tempos” —, tinha todos os motivos deste mundo para conferir a essas histórias a dignidade da letra impressa.

Dito isso, poderia parecer que o essencial já está dado. Não está. O interesse deste trabalho não repousa na conclusão, mas no método — e é aí que o texto se torna difícil de largar. Prescott e Sommers não refutam Anderson com argumentos gerais: refutam-no imóvel por imóvel, ano por ano, nome por nome. Perguntam se a taberna Apple Tree existia em 1716 e vão procurá-la nos livros de taxas prediais de Charles Street. Perguntam se um aprendiz de carpinteiro teria, em 1717, tempo e dinheiro para fundar uma Grande Loja, e vão buscar o contrato de aprendizagem de Jacob Lamball nos registros da Corporação dos Carpinteiros. Perguntam por que não existe uma única linha sobre a Grande Loja em jornal, panfleto antimaçônico, diário particular ou paródia teatral entre 1717 e 1721 — quatro anos de silêncio absoluto em uma cidade que falava de tudo. E então convocam

duas testemunhas contemporâneas que ninguém havia interrogado com o devido cuidado: o diário de William Stukeley, o antiquário de Stonehenge, iniciado em janeiro de 1721 com “grande dificuldade em encontrar membros bastantes para realizar a cerimônia”; e uma ata copiada no início da década de 1720, sobrevivente quase por acaso em um livro de rascunhos da Lodge of Antiquity, que descreve o que de fato se passou no Stationers’ Hall em 24 de junho de 1721.

Como se chega de uma pergunta de arquivo a uma conclusão dessa magnitude é o que faz deste um texto de leitura obrigatória. É também uma lição de ofício: mostra o que separa a tradição da evidência e quanto de nossa história recebida jamais foi verificado por alguém.

Convém dizer, por honestidade, que a tese não é consenso. Richard Berman, entre outros, respondeu-lhe sustentando que a Grande Loja teria começado “em embrião” em 1716-17, permanecendo discreta até ganhar visibilidade pública em 1721. O debate segue aberto — e é precisamente isso que os autores pedem na última página: não que se encerre a discussão, mas que ela comece.

Sobre esta edição. A tradução procurou ser o mais fiel possível ao original, preservando a estrutura periódica dos autores e o registro acadêmico do texto. Notas do tradutor foram reduzidas ao mínimo indispensável e reunidas ao final. Os nomes de tabernas, de lojas e de logradouros londrinos foram mantidos em inglês, por serem nomes próprios; as referências bibliográficas conservam a forma original, conforme a praxe acadêmica.

Esta é uma edição brasileira autorizada, publicada com o consentimento expresso dos autores e de Lewis Masonic, a quem o tradutor registra seus mais sinceros agradecimentos.

Aislan Fabrício Nunes da Silva Pansardis

Tradutor

Em busca da Apple Tree

Revisitando os primeiros anos da Maçonaria inglesa organizada

Andrew Prescott — Universidade de Glasgow

Susan Mitchell Sommers — Saint Vincent College

Uma das virtudes de celebrar aniversários é que eles nos levam a reconsiderar e a explorar de novo os acontecimentos comemorados.¹ O octingentésimo aniversário da Magna Carta, no ano passado, conduziu a muitas descobertas novas a respeito da proveniência e dos escribas das cópias solenes subsistentes da carta de 1215,² ao passo que, durante o aniversário de Shakespeare em 2016, identificou-se um novo Primeiro Fólio³ e recorreu-se à imagem multiespectral para atribuir nova data à redação do testamento de Shakespeare.⁴ Esperamos que as celebrações do tricentenário da Grande Loja proporcionem igualmente um impulso para que se empreendam mais pesquisas sobre aquilo que Alfred Robbins, em seu artigo seminal de 1909, chamou de “os primeiros anos da Maçonaria inglesa organizada”.⁵

¹Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada como a Dr Charles A. Sankey Lecture, na Brock University, em 20 de março de 2016.

²Muitas dessas descobertas foram obra do Magna Carta Project: <http://magnacarta.cmp.uea.ac.uk> (acesso em 27 de julho de 2016); ver também E. Treharne e A. Prescott, “The Origin and Context of the Salisbury Magna Carta”: <http://historyoftexttechnologies.blogspot.co.uk/2015/06/the-origin-and-context-of-salisbury.html> (acesso em 27 de julho de 2016).

³<http://www.bbc.co.uk/news/education-35973094> (acesso em 27 de julho de 2016).

⁴<http://blog.nationalarchives.gov.uk/blog/shakespeares-will-new-interpretation/> (acesso em 27 de julho de 2016).

⁵A. Robbins, “The Earliest Years of English Organized Freemasonry”, *AQC* 22 (1909), 67-89.

A investigação pioneira de Robbins acerca das primeiras referências à Grande Loja na imprensa mostra quanto se pode alcançar pelo exame sistemático das fontes primárias, mas, lamentavelmente, pouquíssimos estudiosos seguiram o exemplo de Robbins. O consenso ainda é o expresso por Albert Calvert em seu livro do bicentenário da Grande Loja, a saber, que é duvidoso que venha algum dia a existir relato mais circunstanciado e autêntico dos primeiros anos da Grande Loja do que o fornecido por James Anderson na edição de 1738 do *Livro das Constituições*.⁶ Sustentamos que há margem para uma análise crítica muito mais ampla das fontes remanescentes da história maçônica na Inglaterra até 1723. Ademais, propomos que, ao retornarmos a essas fontes, emerge um relato da fundação da Grande Loja inteiramente diverso daquele fornecido por Anderson. Esperamos que as celebrações do tricentenário, e este congresso em particular, sirvam de estímulo a uma investigação renovada das fontes primárias dos primeiros anos da Grande Loja.

Mas revisitemos primeiro o texto canônico. A história da formação da Grande Loja em Londres foi contada pela primeira vez por Anderson na edição de 1738 do *Livro das Constituições*, publicada mais de vinte anos depois dos acontecimentos que pretende registrar.⁷ Anderson descreve a ascensão de Jorge I, em setembro de 1714, e a rebelião jacobita liderada pelo Velho Pretendente. Afirma que, em 1716, tão logo terminou a rebelião, as poucas lojas de Londres, sentindo que o Grão-Mestre então existente, Christopher Wren, as havia negligenciado, resolveram “cimentar-se sob um Grão-Mestre como Centro de União e Harmonia”. Anderson enumera as quatro lojas que se reuniram.⁸ Primeira, a loja da cervejaria Goose and Gridiron, no adro

⁶A. F. Calvert, *The Grand Lodge of England 1717-1917* (Londres: Herbert Jenkins, 1917), 1.

⁷James Anderson, *The New Book of Constitutions of the Antient and Honourable Fraternity of Free and Accepted Masons* (Londres: Caesar Ward e Richard Chandler, 1738), 109-10.

⁸R. F. Gould, *The Four Old Lodges, Founders of Modern Freemasonry, and their Descendants* (Londres: Spencer's Masonic Depot, 1879). Um resumo claro das

da Catedral de São Paulo. Considera-se que a sucessora dessa loja seja a moderna Lodge of Antiquity nº 2. Segunda, a loja da cervejaria Crown, em Parker's Lane, perto de Drury Lane. Essa loja definiu por falta de membros pouco depois de 1736. Terceira, a loja da taberna Apple Tree, em Charles Street, Covent Garden. A história dessa loja é complexa, mas presume-se que seja a ancestral da Fortitude and Old Cumberland Lodge nº 12. E, quarta, a loja da taberna Rummer and Grapes, em Channel Row, Westminster, da qual descende a moderna Royal Somerset House and Inverness Lodge nº 4.

Anderson afirma que essas quatro lojas se reuniram na taberna Apple Tree, em Charles Street. Da reunião participaram também “alguns velhos irmãos” que, ao que parece, não eram membros das quatro lojas. A presidência da reunião coube ao mais antigo Mestre Maçom. Anderson afirma que a assembleia “constituiu-se em GRANDE LOJA *pro Tempore* na *Devida Forma*”. Como Begemann há muito explicou,⁹ essa frase é um palavrório jurídico, tornado necessário pela necessidade que Anderson tinha de demonstrar continuidade com Grão-Mestres anteriores. Não obstante, o resultado da reunião, tal como descrito por Anderson, era claro. As lojas restauraram as comunicações trimestrais da Grande Loja, concordaram em realizar uma assembleia e um banquete anuais e decidiram escolher um Grão-Mestre. Anderson afirma, em seguida, que, em 24 de junho de 1717, realizou-se na Goose and Gridiron uma assembleia e banquete dos Maçons Livres e Aceitos e que, antes do jantar, o Mestre Maçom que presidira a reunião da Apple Tree propôs candidatos ao cargo de Grão-

conclusões de Gould encontra-se em “Fortitude and Old Cumberland Lodge No. 12”, in *Collected Essays and Papers relating to Freemasonry* (Belfast e Londres: William Tait, Spencer & Co., 1913), 183-7.

⁹W. Begemann, trad. L. Vibert, *Early History and Beginnings of Freemasonry in England*, datiloscrito na Library and Museum of Freemasonry, 575. Trata-se da tradução de parte da obra de Begemann *Vorgeschichte und Anfänge der Freimaurerei in England*, 2 vols. (Berlim: E. S. Mittler, 1909-10), preparada para publicação pela Quatuor Coronati Lodge, mas que nunca veio a lume, em razão da relutância em publicar o trabalho de um estudioso alemão durante a Primeira Guerra Mundial.

Mestre. Procedeu-se a uma votação, e Antony Sayer foi eleito Grão-Mestre dos Maçons.

A história de Anderson tem poderosas ressonâncias topográficas. Duas das lojas situavam-se em Covent Garden, área que, com suas praças e mercados fervilhantes, epitomava para muitos aquilo que o historiador Vic Gatrell chamou de “infinito entusiasmo e desordem plausível” da vida urbana setecentista.¹⁰ Gatrell descreveu como Covent Garden, com sua vibrante mistura social de comerciantes, livreiros, artistas, atores, prostitutas e batedores de carteira, pode ser vista como a primeira boemia artística. Uma das quatro lojas arroladas por Anderson teria se reunido na taberna Crown, em Parker’s Lane, um beco estreito “de pouca monta”¹¹ próximo às notórias “Hundreds of Drury”, a parte mais depravada de Covent Garden.¹² Talvez se deva identificá-la com a taberna Crown, em Drury Lane, mencionada em um caso de 1722 nos *Proceedings of the Old Bailey* disponíveis em linha, no qual uma criada do taberneiro foi acusada de lhe furtar um capuz de montaria. Em sua defesa, a criada disse que qualquer um poderia ter furtado o capuz, porque a Crown era uma casa muito desregrada, e insistiu em que “a pior coisa de que jamais se tornara culpada ali foi servir a seu Amo, ajudando Cavalheiros a conseguir Meretrizes”.¹³

Charles Street, onde supostamente se realizaram, há trezentos anos, as tratativas para formar a Grande Loja, ficava no coração de Covent Garden.¹⁴ Rebatizada em 1844, Charles Street forma hoje a

¹⁰V. Gatrell, *The First Bohemians: Life and Art in London’s Golden Age* (Londres: Allen Lane, 2013), 4.

¹¹J. Stow e J. Strype, *A Survey of the Cities of London and Westminster* (Londres: A. Churchill, J. Knapton etc., 1720), vol. ii, 76.

¹²Gatrell, *First Bohemians*, 29-44.

¹³<https://www.oldbaileyonline.org/browse.jsp?name=17220907> (acesso em 28 de julho de 2016); ref. nº t17220907-45.

¹⁴Sobre Charles Street, ver “Bow Street and Russell Street Area: The former Charles Street”, in F. Sheppard (ed.), *Survey of London: Volume 36, Covent Garden* (Londres: London County Council, 1970), 195-6, disponível em *British History Online*, <http://www.british-history.ac.uk/survey-london/vol36/pp195-196> (acesso em 15 de julho de 2016).

parte norte de Wellington Street, que liga Bow Street ao Strand e à ponte de Waterloo. Para aqueles dentre vós que conhecem Covent Garden, é o trecho de Wellington Street ao norte de Tavistock Street, onde se encontra a entrada do antigo Mercado das Flores. Charles Street refletia a importância de Covent Garden como bairro artístico. Ali viveram os retratistas Thomas Gibson (m. 1751) e Isaac Collivoe pai (Collivaux),¹⁵ e as pinturas de Collivoe foram vendidas, após sua morte em 1726, em uma casa de leilões e salão de música de Charles Street chamada “The Vendu”.¹⁶ O gravador Claude du Bosc mantinha uma loja na rua, onde se vendia, entre outras obras, uma tradução das *Ceremonies and Religious Customs of the Various Nations of the Known World*, de Bernard Picard, que contém uma célebre estampa de uma loja maçônica.¹⁷ O dramaturgo e poeta laureado Colley Cibber e o ator Barton Booth também moravam ali. Mas Charles Street refletia igualmente a extraordinária mistura social de Covent Garden. Nela havia uma entrada privativa para os “Hummums”, banho turco notório pela prostituição, e era também a sede do bordel dirigido pela “Mãe Hayward”, que, ao morrer em 1743, deixou dez mil libras.¹⁸ Na esquina de Charles Street, a Viúva Hillmann oferecia a “Prevenção Venérea”, com a garantia de “infalivelmente vencer e destruir todas as partículas do veneno venéreo”.¹⁹

¹⁵Sobre Collivoe, ver <http://www.npg.org.uk/research/programmes/directory-of-british-picture-restorers/british-picture-restorers-1600-1950-c.php> (acesso em 20 de julho de 2016).

¹⁶*Daily Journal*, 19 de janeiro de 1727.

¹⁷Timothy Clayton, “Du Bosc, Claude (b. 1682, d. in or after 1746)”, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 (<http://www.oxforddnb.com/view/article/8118>, acesso em 29 de julho de 2016); L. Hunt, M. Jacob e W. Mijnhardt, *The Book that Changed Europe: Picard and Bernard’s Religious Ceremonies of the World* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2010).

¹⁸F. Linnane, *Madams: Bawds and Brothel Keepers of London* (Stroud: Sutton Publishing, 2005), 37, 95.

¹⁹*London Journal*, 7 de outubro de 1721.

A vida urbana agitada, revigorante, aterradora e não raro imoral que irrompeu na Inglaterra no século XVIII podia ser desfrutada em toda a sua plenitude em Charles Street, palco da reunião que Gould descreveu como “o acontecimento mais momentoso da história da Ordem”.²⁰ Mas terá essa reunião em Charles Street ocorrido? Terá a Apple Tree sequer existido? As respostas são menos seguras do que a repetição da história de Anderson por mais de trezentos anos poderia sugerir. A história da formação da Grande Loja em 1716-17 não foi relatada publicamente em parte alguma antes da publicação das *Constituições* de 1738. Na edição de 1723 do *Livro das Constituições*, não há menção alguma a 1717 nem ao restante da história. Ao descrever o reinado de Jorge I, as *Constituições* de 1723 referem-se apenas ao lançamento da pedra fundamental de St Martin-in-the-Fields, em setembro de 1722, e afirmam que os Maçons Livres e Aceitos floresciam sob o Grão-Mestrado do Duque de Montagu.²¹ O único indício, nas *Constituições* de 1723, de que poderia ter havido outros Grão-Mestres imediatamente antes de Montagu é uma referência de passagem a George Payne como Grão-Mestre no cabeçalho dos regulamentos de 1720.²² Sayer figura como Vigilante da loja nº 3 na lista de lojas das *Constituições* de 1723, mas nada indica que tivesse sido Grão-Mestre.²³

Não somente a história da fundação da Grande Loja está ausente das *Constituições* de 1723, como dela não há qualquer vestígio nos numerosos livros e artigos sobre Maçonaria publicados entre 1723 e 1738, tais como o *Pocket Companion for Free-Masons*, de Smith, ou a *Masonry Dissected*, de Pritchard. A referência mais antiga à Grande Loja na imprensa é uma notícia do *Post Boy* de 24-27 de junho de 1721, sobre o banquete em que o Duque de Montagu foi instalado como Grão-

²⁰Gould, *Four Old Lodges*, 45.

²¹*The Constitutions of Free Masons...* (Londres: William Hunter para John Senex e John Hooke, 1723), 44-8.

²²*Ibid.*, 58.

²³*Ibid.*, 74.

Mestre.²⁴ O primeiro documento subsistente emanado da própria Grande Loja é um convite para o Grande Banquete de 1722, gravado por John Sturt, o mesmo que gravou as pranchas da *Cyclopaedia* de Chambers.²⁵ O primeiro livro de atas da Grande Loja começa em 24 de junho de 1723. A história da Apple Tree, da Goose and Gridiron e assim por diante deriva inteiramente da história escrita por Anderson nas *Constituições* de 1738. Supõe-se, como John Hamill explicou recentemente, que “quando Anderson escreveu suas histórias ainda havia muita gente que teria comparecido, ou que teria conhecido alguns dos presentes, à Goose and Gridiron em junho de 1717” e que o teriam corrigido se necessário fosse.²⁶ Trata-se, contudo, de uma suposição arriscada.

Em fevereiro de 1735, Anderson queixou-se à Grande Loja de que a primeira edição do *Livro das Constituições* estava esgotada e de que William Smith pirateara material dela em seu *Free Mason's Pocket Companion*.²⁷ Anderson disse à Grande Loja que o *Livro das Constituições* era “sua Exclusiva Propriedade”, mas não era esse o caso. O formato e a redação da folha de rosto das *Constituições* de 1723 deixam claro que os editores e detentores do direito autoral eram John Senex e John Hooke.²⁸ Anderson, que naquele tempo trabalhava para

²⁴Robbins, “Earliest Years”, 68. A notícia do *Post Boy* foi reproduzida no *Weekly Journal or British Gazetteer*, 1º de julho de 1721, no *Weekly Journal or Saturday's Post*, 1º de julho de 1721, e no *Ipswich Journal*, 24 de junho de 1721.

²⁵Oxford, Bodleian Library, MS. Rawlinson C. 136, f. 5. À luz da sobrevivência dessa gravura, parece estranho que Anderson destaque a compra, sob Wharton, em 1723, de uma nova chapa para a produção dos bilhetes gravados do banquete anual: 1738 *Book of Constitutions*, 115.

²⁶J. Hamill, “When History is Written”, *Freemasonry Today*, 7 de junho de 2016: <http://www.freemasonrytoday.com/features/john-hamill-explores-the-evidence-surrounding-the-formation-of-grand-lodge> (acesso em 30 de julho de 2016).

²⁷QCA 10 (1913), 244-5.

²⁸Se a Grande Loja ou Anderson tivessem sido os detentores do direito autoral das *Constituições* de 1723, a folha de rosto teria declarado algo como “Impresso para o autor (ou para a Grande Loja) e vendido por John Senex e John Hooke”, como no *New-River* de William Garbott, de 1725, que foi “Impresso para o autor e vendido por J. Hooke, na Flower-de-Luce, defronte a St Dunstan”. Ver ainda M. Shaaber, “The Meaning of the Imprint in Early Printed Books”, *The Library* 25 (1944), 120-41. James

Hooke em um projeto malgrado de publicar uma tradução das *Conversations in the Realms of the House of the Dead*, de David Fassmann, era pago por Hooke e Senex em “dinheiro de cópia”, provavelmente por folha, e não pelo manuscrito inteiro do *Livro das Constituições*.²⁹ As *Constituições* de 1723 não eram propriedade de Anderson, dissesse ele o que dissesse à Grande Loja.

Duas figuras-chave no aparecimento das *Constituições* de 1738 foram os editores Richard Chandler e Caesar Ward. Chandler fora aprendiz de Hooke e adquiriu o negócio deste, bem como muitos de seus direitos autorais, depois de sua morte em 1730.³⁰ Em 1734, Chandler estabeleceu uma sociedade com o cunhado Caesar Ward, e ambos procuraram criar novos pontos de venda para seus negócios em York.³¹ As negociações para a compra do *York Courant*, em janeiro de

Raven descreve como, no início do século XVIII, “o direito de reproduzir um livro era quase sempre comprado por inteiro pelo livreiro-editor ou por um consórcio de livreiros. A maioria dos autores renunciava a toda pretensão ulterior; a maior parte dos direitos autorais era então dividida em quotas entre vários livreiros associados”: J. Raven, “The Book Trades”, in I. Rivers (ed.), *Books and their Readers in Eighteenth Century England: New Essays* (Leicester: Leicester University Press, 2011), 15. Sobre o “dinheiro de cópia”, ver Richard Sher, *The Enlightenment and the Book: Scottish Authors and their Publishers in Eighteenth-Century Britain, Ireland and America* (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 2006), 215-6. Tobias Smollett recebia três guinéus por folha pela *Complete History of England*.

²⁹Susan Mitchell Sommers e Andrew Prescott, “New Light on the Life of James Anderson”, *supra*, 000. A tradução de Fassmann contém uma referência à nomeação de um Grão-Mestre pelos maçons: A. Prescott, “The Publishers of the 1723 Book of Constitutions”, *AQC* 121 (2008), 160, onde se afirmou que a tradução fora publicada em 1719. A data correta de publicação, 1723, evidencia-se pelos anúncios de jornal (em alguns casos a tradução de Fassmann foi anunciada ao mesmo tempo que o *Book of Constitutions*): *British Journal*, 16 de fevereiro de 1723; *London Journal*, 9 de março de 1723. A autoria de Anderson quanto à tradução e à interpolação sobre a Maçonaria foi revelada quando o estoque remanescente da tradução de Fassmann foi reeditado em 1739, depois da morte de Anderson, com nova folha de rosto que o creditava como autor: *News from Elysium or Dialogues of the Dead...* (Londres: J. Cecil e F. Noble, 1739). Sobre Fassmann, ver ainda C. Sammons, “David Fassmann’s *Gespräche in dem Reiche derer Todten*”, *Yale University Library Gazette* 46 (1972), 176-8, e J. Rutledge, *The Dialogue of the Dead in Eighteenth-Century Germany* (Frankfurt e Berna: Herbert Lang, 1974).

³⁰Prescott, “Publishers of 1723 Book of Constitutions”, 161-2.

³¹Sobre Ward, ver ainda C. Y. Ferdinand, “Ward, Caesar (bap. 1710, d. 1759)”, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004:

1739, provavelmente explicam a demora na publicação do novo *Livro das Constituições*, que Anderson dera como pronto para o prelo em janeiro de 1738, mas que só foi anunciado em janeiro de 1739. Amigo de Francis Drake, Ward teria esperado boas vendas do *Livro das Constituições* entre os maçons de Yorkshire. O papel primordial de Chandler e Ward na produção das *Constituições* de 1738 evidencia-se por sua história posterior ao suicídio de Chandler, em 1744, e à falência de Ward, em 1746. O estoque remanescente das *Constituições* de 1738 foi vendido a um editor chamado Robinson, ao que parece não maçom, que reeditou o volume com nova folha de rosto sob seu próprio selo, sem referência alguma à Grande Loja.³²

Como em 1723, Anderson provavelmente foi pago por página por Chandler e Ward pelo trabalho nas *Constituições* de 1738. Suas dificuldades financeiras e o fato de ser devedor sujeito às “Regras do Fleet” davam-lhe um incentivo para escrever o máximo possível.³³ Ele e seus editores estavam empenhados em maximizar as vendas produzindo um volume mais compendioso e autorizado que os concorrentes, e os anúncios registravam que “este novo Livro tem mais do dobro do tamanho do anterior, com muitos Acréscimos oportunos, especialmente as principais Transações da Grande Loja desde então”.³⁴

<http://www.oxforddnb.com/view/article/64292> (acesso em 30 de julho de 2016), e W. G. Day, “Caesar Ward’s Business Correspondence”, *Proceedings of the Leeds Philosophical and Literary Society, Literary and Historical Section*, 19 (1982), 1-8. Um catálogo de livros impressos para Caesar Ward e Richard Chandler, *at the Ship between the Temple-Gates in Fleet-Street, and sold at their Shop at Scarborough, 1734*, encontra-se na British Library: RB 23.a.5967.

³²QCA 12 (1960), 80-1. No prefácio de *The Pocket Companion and History of Free-Masons...* (Londres: J. Scott, 1754), v, John Entick afirma que a supervisão de Anderson sobre a produção das *Constituições* de 1738 fora desleixada: “por qualquer causa que fosse, quer por sua falta de Saúde, quer por confiar na Gerência de Estranhos, esta Obra apareceu em condição muito mutilada, e os Regulamentos, que haviam sido revistos e corrigidos pelo Grão-Mestre Payne, foram em muitos Lugares interpolados, e em alguns o sentido ficou muito obscuro e incerto”.

³³Sommers e Prescott, *supra*, 000.

³⁴Por exemplo, *London Daily Post and General Advertiser*, 22 de janeiro de 1739; *Country Journal and the Craftsman*, 25 de janeiro de 1739; *London Evening Post*, 27-30 de janeiro de 1739.

O trabalho de Anderson foi examinado e corrigido por um grupo de Grandes Oficiais, mas não sabemos quem eram nem se teriam probabilidade de ter estado envolvidos nos acontecimentos de 1716-17. George Payne e Desaguliers, duas figuras-chave dos primeiros anos, ainda estavam em atividade como Grandes Oficiais em 1738-9, mas muitos dos demais Grandes Oficiais só se haviam tornado maçons bem mais tarde. O fato de a Grande Loja ter noções vagas sobre a história editorial das *Constituições* de 1723 sugere que sua memória coletiva da própria história inicial não era muito boa.

Anderson só se envolveu com a Grande Loja depois de junho de 1721 e não tinha conhecimento direto dos acontecimentos anteriores. Assim, como bom historiador, tratou de colher testemunhos orais e escritos, que procurou conciliar. Ao final das *Constituições* de 1738, Anderson fornece uma lista dos irmãos que o haviam encorajado enquanto o livro estava no prelo.³⁵ Incluiu lista semelhante em sua *magnum opus*, as *Royal Genealogies*.³⁶ A lista de 1738 não era uma lista de assinantes, mas antes um meio pelo qual Anderson realçava sua estatura autoral fazendo publicidade de suas relações sociais. Isso se percebe pela inclusão, na lista das *Constituições* de 1738, de nomes como o do Duque de Richmond, o do Conde de Inchiquin e o do Conde de Loudon. Outros nomeados nessa lista, como os gravadores John Pine e Louis-Phillippe Boitard, ou o impressor Thomas Aris, são mencionados por seu papel na produção do volume. Outros encorajadores forneceram informações sobre acontecimentos específicos, como William Goston e o cientista e amigo de Desaguliers, Erasmus King, que atuaram como vigilantes na iniciação do Príncipe de Gales em 1737.³⁷

³⁵1738 *Book of Constitutions*, 229.

³⁶Sommers e Prescott, *supra*, 000.

³⁷Sobre King, ver J. H. Appleby, "Erasmus King: Eighteenth-Century Experimental Philosopher", *Annals of Science* 47 (1990), 375-92. Não é claro se se trata do mesmo William Goston envolvido em um litígio com John Ward a respeito da mineração em suas terras: R. Berman, *The Foundations of Modern Freemasonry: The Grand*

A maior parte das figuras maçônicas distintas nomeadas por Anderson, como Martin Clare, William Graeme e Edward Hody, só se envolvera com a Maçonaria no final da década de 1720 e na de 1730.³⁸ É pouco provável que o jovem Thomas Desaguliers, de dezessete anos, filho do célebre Dr. Desaguliers, que só começou a visitar lojas com o pai em 1738, tenha contribuído muito para as pesquisas de Anderson.³⁹ Do punhado de maçons nomeados por Anderson que haviam estado envolvidos com a Maçonaria no início da década de 1720, apenas um alegava ter participado diretamente dos acontecimentos de 1716-17. Trata-se de Jacob Lamball, carpinteiro, de quem se dizia ter sido nomeado o primeiro Primeiro Grande Vigilante na Goose and Gridiron em 1717. Ao que parece, Lamball foi uma das principais fontes de informação de Anderson sobre os acontecimentos de 1716-17. É notável que Anderson não mencione Sayer em sua lista de encorajadores, embora Sayer ainda estivesse vivo em 1738. Sayer evidentemente caíra em descrédito depois das queixas contra ele por fazer maçons irregularmente em 1730, apesar do auxílio caritativo que recebera da Grande Loja.⁴⁰ Se Anderson o consultou, não estava disposto a admiti-lo.

Há dúvidas enormes sobre a credibilidade de Lamball como testemunha dos acontecimentos de 1716-17. Embora se dissesse que Lamball fora nomeado Vigilante em 1717, não há nenhuma outra evidência de seu envolvimento com a Maçonaria até março de 1735, quando subitamente aparece atuando como Grande Vigilante no lugar

Architects, Political Change and the Scientific Enlightenment (Brighton: Sussex Academic Press, 2012), 167.

³⁸Graeme é mencionado pela primeira vez nas atas da Grande Loja por ocasião de sua nomeação como Mordomo em 1734: *QCA* 10, 241; Hody é igualmente mencionado pela primeira vez quando nomeado Mordomo em 1735: *QCA* 10, 254; sobre Clare, ver A. Prescott, "Clare, Martin", in C. Porset e C. Revauger, *Le monde maçonnique des Lumières: Europe-Amériques & Colonies, Dictionnaire prosopographique* (Paris: Editions Champions, 2013), vol. 1, 808-18.

³⁹A. Carpenter, *John Theophilus Desaguliers: A Natural Philosopher, Engineer and Freemason in Newtonian England* (Londres e Nova York: Continuum, 2011), 241.

⁴⁰*Infra*, 000.

de Sir Edward Mansell.⁴¹ Essa foi a primeira comunicação trimestral posterior àquela em que Anderson propôs uma nova edição das *Constituições*, e tudo leva a suspeitar que o próprio Anderson possa ter sido o responsável pelo aparecimento de Lamball na Grande Loja. Não se sabe como a pretensão de Lamball de haver sido Grande Vigilante foi verificada em 1735, mas há problemas graves em sua história. Em 1717, Lamball ainda era apenas aprendiz de carpinteiro, tendo firmado contrato de aprendizagem com John Manwell em março de 1714.⁴² Lamball só se tornou membro livre da Corporação dos Carpinteiros em 6 de junho de 1721.⁴³ Como aprendiz, o trabalho e o tempo livre de Lamball eram estritamente controlados por seu mestre,⁴⁴ e ele teria tido pouco tempo ou dinheiro para se envolver na criação de uma Grande Loja. Há outras coisas anômalas a respeito de Lamball. Quando se casou, em 1725,⁴⁵ declarou ter mais de trinta anos, o que faria dele um rapaz de pelo menos dezenove anos ao tornar-se aprendiz, muito mais tarde que a idade normal de catorze. Em 1731, porém, Lamball estava mais próspero, tendo estabelecido um negócio de carpintaria em Hyde Street, Bloomsbury, e alugava uma casa recém-construída em Camberwell.⁴⁶ Continuou a frequentar a Grande Loja até 1745. Em 1756, Lamball peticionou à Grande Loja pedindo auxílio caritativo em

⁴¹QCA 10, 247.

⁴²Carpenters' Company, *Minute Book of Courts and Committees*: "Jacob Lamball Son of Nicholas Lamball late of Sellborne in ye. Co [...] of Hants Yeom bound to John Manuel Citizen & Carpenter", 2 de março de 1713/4 (disponível em linha em <http://londonlives.org.uk>, ref. GLCCMC251120116; acesso em 13 de outubro de 2016).

⁴³Registros da Carpenters' Company, disponíveis em linha em <http://londonlives.org.uk>, ref. GLCCMC251040025 (acesso em 13 de outubro de 2016).

⁴⁴J. Lane, *Apprenticeship in England 1600-1914* (Londres: UCL Press, 1996), 95-116.

⁴⁵Lamball, descrito como da paróquia de St Giles in the Fields, com mais de 30 anos e solteiro, casou-se com Sarah Brown, com mais de 21 anos, da paróquia de St Paul Covent Garden, por licença, em 23 de junho de 1725, na igreja de St Benet's, Paul's Wharf, em Londres: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:NLQD-H5N> (acesso em 30 de julho de 2016).

⁴⁶*Daily Advertiser*, 5 de março de 1731.

razão de sua idade avançada e de suas enfermidades (tinha, ao que parece, 61 anos) e recebeu dez guinéus.⁴⁷ Morreu três anos depois e foi sepultado em St George's, Bloomsbury.⁴⁸

Anderson também se valeu de fontes escritas. O Grande Secretário John Revis deu-lhe acesso aos livros de atas da Grande Loja. Ao final do primeiro livro de atas há uma lista de oficiais da Grande Loja que começa com Sayer como Grão-Mestre e Lamball e Joseph Elliott como Vigilantes.⁴⁹ Essa lista foi alterada por Anderson, que, depois do registro de William Hawkins como Vigilante em 1723, acrescentou as palavras “o qual se demitiu, e então James Anderson AM foi escolhido em seu lugar”.⁵⁰ Anderson pode também ter acrescentado as letras “A.M. F.R.S” após o registro de Martin Clare na lista, em 1734. Seja o que for que pensemos do comportamento de Anderson ao alterar o livro de atas, essa alteração estabelece que a lista foi compilada independentemente dele e por ele utilizada como fonte. Como o restante do livro de atas, a lista de oficiais da Grande Loja está na letra de William Reid, nomeado Grande Secretário em dezembro de 1727.⁵¹ A caligrafia e a cor da tinta mostram que a lista foi inserida por Reid no livro de atas em algum momento posterior a 1731 e possivelmente tão tarde quanto 1734. Assim, essa lista, embora independente de Anderson, foi igualmente compilada quase vinte anos depois da fundação da Grande Loja e provavelmente reflete rumores e pretensões correntes na Grande Loja na década de 1730.

⁴⁷*QCA* 12, 96-7.

⁴⁸London Metropolitan Archives, P82/GE01/056: St George, Bloomsbury, Registro de sepultamentos, fev. 1731-mar. 1761, disponível em linha em <http://ancestry.com> (acesso em 30 de julho de 2016).

⁴⁹Somos gratos a Diane Clements e a Susan Snell por nos permitirem examinar o livro de atas original na Library and Museum of Freemasonry.

⁵⁰*QCA* 10, xxiii-xxiv, 196. Songhurst sugere que Anderson pode também ter apagado as palavras “que oficiou pelo Sr. Hawkins” depois da ata em que aparece como Grande Vigilante em exercício, em 24 de junho de 1723. A implicação é que Anderson nunca foi nomeado Grande Vigilante, mas ainda assim atuou nessa qualidade a partir de 28 de agosto de 1730.

⁵¹*QCA* 10, xxv.

Anderson fez o que pôde para juntar as histórias fantasiosas contadas por gente como Lamball e os fragmentos de informação escrita presentes em fontes como os livros de atas. Infelizmente, Anderson não resistiu a atualizar e embelezar suas fontes. Acrescentou a informação de que Joseph Elliott, um dos Vigilantes de Sayer, era capitão, mas nenhuma pessoa com esse nome foi ainda localizada nos registros militares. Anderson acrescenta também a informação de que John Cordwell, nomeado Vigilante em 1718, era “Carpinteiro da Cidade”. Cordwell foi de fato Carpinteiro Comum da Cidade em 1738, quando se envolveu em uma disputa com o Prefeito e a Corporação por causa da fixação de preços que fizera para os contratos de madeira da nova Mansion House,⁵² mas só foi nomeado para esse cargo em 1722.⁵³ De modo semelhante, a lista de oficiais nomeia Richard Ware como Vigilante em 1720, e Anderson informa prestimosamente a seus leitores que Ware era matemático. Ware não tinha nenhuma realização matemática registrada, mas era mais conhecido como livreiro bem-sucedido, ainda que algumas de suas publicações incluíssem obras sobre perspectiva e arquitetura.⁵⁴

Há muitas contradições no relato de Anderson sobre os primeiros anos da Grande Loja. Por exemplo, ele afirma que o primeiro ato de Sayer foi restaurar as comunicações trimestrais, mas em seguida relata apenas banquetes anuais realizados na Goose and Gridiron. A primeira comunicação trimestral mencionada por Anderson ocorreu no Dia de

⁵²*Gentleman's Magazine* 9 (1739), 214, 361-2; S. Perks, *The History of the Mansion House* (Cambridge: University Press, 1922), 178-87; Sally Jeffery, *The Mansion House* (Chichester: Phillimore, 1993), 78.

⁵³*Evening Post*, 16 de dezembro de 1721; *Post Boy*, 2 de janeiro de 1722. Um “Sr. Cordwell” é nomeado como membro da loja que se reunia na Queen’s Arms, no adro de São Paulo, em 1725: *QCA* 10, 32. Não é claro se essas referências dizem respeito ao Carpinteiro Comum da Cidade de 1738 ou a seu pai, também chamado John e carpinteiro, falecido em 1728.

⁵⁴Richard Ware I, m. 1756: *The London Book Trades of the Later 18th Century*, Exeter Working Papers in Book History 10: <http://bookhistory.blogspot.co.uk/2007/01/berch-w-z.html> (acesso em 30 de julho de 2016); *A catalogue of books, printed for, and sold by Richard Ware, at the Bible and Sun on Ludgate-Hill, removed from Amen-Corner* (Londres, 1755?).

Nossa Senhora de 1721.⁵⁵ Como Begemann explicou, era improvável que se realizasse uma comunicação trimestral no Dia de Nossa Senhora, dia atarefado, com pagamento de aluguéis e renovação de arrendamentos; e, quando o livro de atas se inicia, é evidente que a Grande Loja evitava realizar comunicações trimestrais nessa data.⁵⁶ Tudo indica que Anderson inventou essa primeira comunicação trimestral a fim de mostrar que o Duque de Montagu fora devidamente indicado como Grão-Mestre. Há problema semelhante no relato de Anderson sobre a comunicação trimestral de março de 1722, na qual um comitê da Grande Loja teria aprovado as *Constituições* de 1723. Há outros pontos em que Anderson evidentemente inventou detalhes para preencher sua narrativa. O crescimento do número de lojas durante 1721-2 relatado por Anderson (12 em 24 de junho de 1721; 16 em 29 de setembro; 20 em 27 de dezembro; e 24 em 25 de março de 1722) é suspeitosamente regular em sua progressão aritmética e não corresponde ao que sabemos por outras fontes.⁵⁷

As dificuldades da narrativa de Anderson resumem-se no exemplo da própria Apple Tree, que foi provavelmente mais um caso de atualização (in)oportuna feita por Anderson. A Apple Tree existiu de fato em 1738, e os registros de licenças mostram que o licenciado era James Douglas, que assumira o imóvel em 1729.⁵⁸ Contudo, ainda que conheçamos os nomes de centenas de tabernas nomeadas em Londres em 1716 (várias das quais são variações do nome “Apple Tree”), não

⁵⁵1738 *Book of Constitutions*, 111. Anderson descreve confusamente a reunião de 24 de junho de 1721 tanto como assembleia e banquete quanto como comunicação trimestral.

⁵⁶Begemann, *Early History*, 609.

⁵⁷Begemann, *Early History*, 610.

⁵⁸A primeira referência à Apple Tree nos registros de licenças de taberneiros de Westminster é de 1729, quando James Douglas é dado como licenciado: London Metropolitan Archives, WR/LV/1/19. O Westminster City Archives Research Group, *One on Every Corner: the History of Some Westminster Pubs* (Londres: Westminster City Archives, 2002), 64, dá como primeira referência a James Douglas como licenciado da Apple Tree o ano de 1736. Foi nesse ano que Douglas assumiu o arrendamento desse imóvel: Westminster City Archives, St Paul Covent Garden Rate Books.

há referência alguma à Apple Tree em Charles Street, e tudo indica que o nome só foi adotado quando Douglas assumiu o arrendamento em 1729. Como W. J. Williams assinalou primeiro, os livros de taxas prediais mostram que a Apple Tree ficava no lado oriental de Charles Street, na esquina com York Street.⁵⁹ É hoje o número 28 de Wellington Street, na esquina com Tavistock Street, atualmente um restaurante “Bella Italia”. Os ocupantes anteriores desse imóvel haviam sido Thomas Taylor, que o deteve de 1719 a 1729,⁶⁰ e Robert McClure, de 1713 a 1719. Taylor e McClure tinham ambos licença de taberneiros, mas nada indica que usassem a tabuleta da “Apple Tree”. Argumentamos, na recente conferência Edward A. Sankey na Brock University, que em 1716 o imóvel não era absolutamente uma taberna, mas uma loja de fazendas chamada Golden Anchor, pertencente a Simon Mayow.⁶¹ Uma verificação cruzada posterior dos livros de taxas mostra que a Golden Anchor não ficava no sítio da Apple Tree, mas antes no lado sul de York Street; ainda assim, a busca da Apple Tree ilustra como a narrativa de Anderson é constantemente confundida por suas invenções e atualizações de nomes e lugares, nas quais meias-verdades se acotovelam com ficções interesseiras. Embora os nomes de algumas tabernas passassem de licenciado a licenciado — ainda se pode beber na Coach and Horses, em Charles Street, cujo nome se registra pela primeira vez em 1736 —, o nome da Apple Tree parece

⁵⁹W. J. Williams, “A Masonic Pilgrimage through London”, *AQC* 42 (1930), 105-6.

⁶⁰Parece possível que Douglas fosse genro de Taylor. Taylor batizou uma filha chamada Mary em St Paul Covent Garden em 1708. James Douglas casou-se com uma Mary Taylor (embora não possamos ter certeza de que fosse a mesma) em 1728, justamente quando Thomas Taylor deixou o imóvel de Charles Street. Douglas batizou quatro filhos em St Paul Covent Garden entre 1729 e 1733. Thomas Taylor reaparece com licença na vizinha Brydges St, em Covent Garden, em 1729: London Metropolitan Archives, WR/LV/1/19.

⁶¹A Golden Anchor é mencionada em anúncios no *Daily Courant*, 16 de janeiro de 1718, no *Original Weekly Journal*, 1^o-8 de março de 1718, e no *Daily Courant*, 22 de novembro de 1722.

ter sido pessoal de James Douglas e desapareceu depois que ele morreu, em 1753.⁶²

Anderson distorceu e fabricou sua narrativa porque assim lhe ordenou a Grande Loja. Se nas *Constituições* de 1723 Anderson mostrara como a maçonaria remontava ao princípio dos tempos, fora vago quanto à sucessão de Grão-Mestres na Antiguidade. Em 31 de março de 1735, a Grande Loja aprovou uma moção segundo a qual “se deseja que o Dr. James Anderson imprima os Nomes (em seu Novo Livro das Constituições) de todos os Grão-Mestres que se pudessem coligir desde o princípio dos tempos, juntamente com uma Lista dos Nomes de todos os Grão-Mestres Adjuntos, Grandes Vigilantes e dos Irmãos que serviram a Ordem na Qualidade de Mordomos”.⁶³ Anderson recebeu essa incumbência porque se pretendia que no futuro todos os Grandes Oficiais fossem escolhidos dentre esse corpo. A medida destinava-se a reforçar a exclusividade social dos Grandes Oficiais e a reduzir a probabilidade de que Grandes Oficiais indigentes fizessem exigências aos fundos de caridade da Grande Loja, como haviam feito Sayer ou Joshua Timson, o empobrecido sapateiro e ferreiro que fora colega de vigilância de Anderson.⁶⁴ A Grande Loja sem dúvida também tinha ciência das discussões em curso para a formação de uma Grande Loja da Escócia e estava ansiosa por reforçar sua pretensão de primazia.

Outra consideração que levou Anderson a enfatizar continuidades na história da Grande Loja foi o modo como a Grande Loja se alinhava à oposição “patriota” ao governo de Walpole, centrada na figura de

⁶²A última referência à Apple Tree é de 1751: London Metropolitan Archives, WR/LV/1/24. O nome de Douglas é substituído nesse ponto, nos livros de taxas, pelo de John Lemman. Registra-se o sepultamento de um James Douglas em St James Piccadilly em 1753: “England, Middlesex, Westminster, Parish Registers, 1538-1912”, <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KC8S-DZL>; 24 de dezembro de 2014, acesso em 4 de agosto de 2016.

⁶³*QCA* 10, 251.

⁶⁴St Clement Danes, *Pauper Settlements, Vagrancy and Bastardy Examinations*, 13 de novembro de 1742, disponível em <http://www.londonlives.org>, ref. WCCDEP358180037-38 (acesso em 2 de setembro de 2016); *QCA* 10, 123, 130, 134.

Frederico Luís, Príncipe de Gales.⁶⁵ Esse movimento foi liderado por Desaguliers, a quem o Príncipe cedera aposentos no Palácio de Kew para seus equipamentos de laboratório.⁶⁶ A dedicatória das *Constituições* de 1738 ao Príncipe de Gales e sua apresentação ao Príncipe pela Grande Loja eram fortes expressões de apoio, numa época em que o Príncipe estava excluído da casa do Rei e era visto pela oposição como a melhor esperança de restaurar a constituição mista minada pela corrupção de Walpole.⁶⁷ Influenciada pelas *Remarks on the History of England* (1730), de Bolingbroke, a oposição “patriota” sublinhava a importância de “um sentimento de continuidade e de orgulho no que significava ser britânico” e de uma consciência da antiga liberdade e independência britânicas.⁶⁸ A história da Maçonaria escrita por Anderson destinava-se a mostrar como a Grande Loja estava enraizada em uma antiga instituição inglesa, mas fora revitalizada pela sucessão hanoveriana.

Não fosse o testemunho tardio e suspeito de Anderson e a lista de oficiais no livro de atas da Grande Loja, suporíamos que a Grande Loja foi criada no decurso de 1721. Não há referências contemporâneas à Grande Loja entre 1717 e 1721: nenhuma notícia de imprensa, nenhum panfleto antimaçônico, nenhum registro de diário, nenhuma paródia teatral de cerimônias maçônicas.⁶⁹ Na Inglaterra, a Maçonaria irrompe

⁶⁵Berman, *Foundations*, 174-5.

⁶⁶Carpenter, *Desaguliers*, 45-6.

⁶⁷A apresentação é registrada em anúncios, por exemplo, no *London Daily Post and General Advertiser*, 3 de novembro de 1739, e no *Country Journal or The Craftsman*, 24 de novembro de 1729.

⁶⁸A. Pink, “Robin Hood and her Merry Women: Modern Masons in an Early Eighteenth-century London Pleasure Garden”, *Journal of Research into Freemasonry and Fraternalism*, 4 (2013), 203-6; C. Garrard, *The Patriot Opposition to Walpole: Politics, Poetry, and National Myth* (Oxford: Clarendon Press, 1994).

⁶⁹Dada a falta de evidências da Grande Loja antes de 1721, é importante ter cautela ao datar esses documentos iniciais. Por exemplo, a notícia do *Leeds Mercury* sobre uma reunião maçônica em Pontefract, citada em Berman, *Foundations*, 36, traz datação em estilo antigo, devendo, portanto, ser datada de 16 de janeiro de 1722: G. D. Lumb, “Extracts from the *Leeds Mercury* 1721-1729”, *Thoresby Society* 22 (1915), 187-8. Do mesmo modo, o ESTC data tentativamente de 1720 *Love’s Last Shift: or, Mason Disappointed*, paródia teatral que inclui “A Song on the Freemasons”, mas ela é

em cena subitamente em 1721 (a Escócia é, evidentemente, outra história). Duas outras fontes estabelecem que a explicação desse silêncio é muito simples, a saber, que a Grande Loja de fato só se estabeleceu em 1721. Essas fontes são os papéis do médico, antiquário e filósofo natural William Stukeley e um livro nos arquivos da Lodge of Antiquity. Ambas são contemporâneas e são, por natureza, mais dignas de confiança que as pesquisas posteriores de Anderson. A lenda de que Sayer, Lamball e outros haviam sido Grandes Oficiais antes de 1721 foi cultivada por eles a fim de obter dinheiro dos fundos de caridade da Grande Loja. A Grande Loja foi conivente com tais pretensões, a fim de ajudar a fortalecer sua jurisdição sobre as lojas mais antigas e de demonstrar a própria antiguidade.

Stukeley foi um dos fundadores da Society of Antiquaries e é celebrado por suas investigações arqueológicas em Avebury e Stonehenge. Registra em seu diário que em 6 de janeiro de 1721 “fui feito Maçom Livre, na Tab. Salutation, em Tavistock street, com o Sr. Collins e o Cap. Rowe, que fez a famosa máquina de mergulho”.⁷⁰ A taberna Salutation era uma taberna bem conhecida de Covent Garden, logo na esquina de Charles Street, estabelecida por volta de 1709 e que subsistiu até 1881.⁷¹ Não sabemos quem era o Sr. Collins, mas Jacob

corretamente anunciada no *Stamford Mercury*, 6 de junho de 1723, como publicação nova.

⁷⁰Bodleian Library, MS Eng. misc. c.533: f. 34v; W. C. Lukis (ed.), *The Family Memoirs of the Rev. William Stukeley, M. D.*, vol. i, Surtees Society 73 (1880), 62; David Boyd Haycock, *William Stukeley: Science, Religion and Archaeology in Eighteenth-Century England* (Woodbridge: Boydell Press, 2002), 175. O exame atento do manuscrito sugere que esses memorandos foram compilados por Stukeley à época dos acontecimentos registrados.

⁷¹“Southampton Street and Tavistock Street Area: Tavistock Street”, in *Survey of London: Volume 36, Covent Garden*, 218-22, disponível em linha em *British History Online*, <http://www.british-history.ac.uk/survey-london/vol36/pp218-222> (acesso em 28 de julho de 2016). A taberna Salutation tornou-se lugar predileto do Príncipe Regente: W. Earle, *Sheridan and his Times* (Londres: J. F. Hope, 1859), vol. 1, 299-311. A Salutation não teve outra ligação com a Maçonaria além da iniciação de Stukeley, e não deve ser confundida com a casa de café da mesma rua pertencente ao maçom Richard Leveridge, equívoco cometido por J. Timbs, *Clubs and Club Life in London* (Londres: John Graham Hotten, 1872), 434-5, e repetido por E. Beresford Chancellor,

Rowe era um capitão de mar e empresário de Devon que patenteou um sino de mergulho.⁷² Todavia, o aspecto mais marcante do relato de Stukeley sobre sua iniciação é sua recordação posterior, no *Commonplace Book*: “Fui a primeira pessoa a ser feita maçom em Londres em muitos anos. Tivemos grande dificuldade em encontrar membros bastantes para realizar a cerimônia. Logo depois disso a coisa pegou, e desandou pela insensatez de seus membros”.⁷³ Ao preparar, pouco depois de 1750, um resumo de sua vida, Stukeley enfatizou de novo a falta de maçons em Londres em 1721: “A curiosidade levou-o a ser iniciado nos mistérios da Maçonaria, suspeitando que fossem os restos dos mistérios dos antigos, quando com dificuldade se achava número suficiente em toda Londres. Depois disso tornou-se moda pública, espalhada não só pela Grã-Bretanha e Irlanda, mas por toda a Europa”.⁷⁴

A afirmação de Stukeley de que era difícil encontrar maçons bastantes para realizar uma iniciação no início de 1721 é impossível de conciliar com a narrativa de Anderson, que declara estar o número de lojas naquele momento aumentando rapidamente.⁷⁵ A *Salutation*, onde Stukeley foi iniciado, ficava a poucos minutos de caminhada da taberna de Charles Street que veio a ser a Apple Tree, e surpreende que houvesse dificuldade em encontrar maçons se de fato houvesse uma loja reunindo-se na Apple Tree. Para Stukeley, o acontecimento decisivo no crescimento da Maçonaria foi a instalação do Duque de Montagu como Grão-Mestre no Stationers’ Hall, em junho de 1721. Diferentemente de Anderson, Stukeley esteve presente a esse evento e o descreve assim: “Os Maçons tiveram um Jantar no Stationers Hall,

The Annals of Covent Garden and its Neighbourhood (Londres: Hutchinson, 1930), 154.

⁷²P. Earle, *Treasure Hunt: Shipwreck, Diving and the Quest for Treasure in an Age of Heroes* (Londres: Methuen, 2007).

⁷³Bodleian Library, MS Eng. misc. e.260: f. 88; *Family Memoirs*, vol. i, 122; Haycock, 175.

⁷⁴*Family Memoirs*, vol. i, 51.

⁷⁵*1738 Book of Constitutions*, 111.

presentes o D. Montague, Ld Herbert, Ld Stanhope, Sr And Fountain etc. O Dr. Desaguliers pronunciou uma Oração. O Gd Mr Sr. Pain apresentou um antigo MS das Constituições que obtivera no oeste da Inglaterra, com 500 anos de idade. Leu um novo conjunto de artigos a serem observados. O D. de Montague escolheu Gd Mr para o ano seguinte, o Dr. Beal como Adjunto”.⁷⁶

Embora o relato de Stukeley seja muito mais breve que a elaborada descrição do cerimonial feita por Anderson, ele acrescenta alguns detalhes importantes. Primeiro, revela que, além de Lorde Stanhope, depois 4º Conde de Chesterfield, a reunião contou também com a presença de Henry, Lorde Herbert, depois 9º Conde de Pembroke, arquiteto e mecenas que foi proeminente defensor do palladianismo, e do conhecedor Sir Andrew Fountaine, que constituiu as coleções de Herbert e foi outro proeminente advogado da arquitetura palladiana.⁷⁷ Segundo, Stukeley registra que George Payne apresentou na reunião um manuscrito dos Antigos Deveres. Podemos identificá-lo com o manuscrito Cooke, porque Stukeley fez um desenho dele e porque o manuscrito permaneceu na posse da Grande Loja em seus primeiros anos, onde William Reid dele fez duas transcrições.⁷⁸ Foi a descoberta do manuscrito Cooke, talvez visto como encarnação dos “mistérios dos antigos”, que levou à incumbência dada a Anderson de resgatar as tradições dos “grosseiros erros de *História e Cronologia*”

⁷⁶Bodleian Library, MS Eng. misc. c.533, f. 35; *Family Memoirs*, vol. i, p. 64; D. Knoop, G. P. Jones e D. Hamer, *The Two Earliest Masonic Manuscripts* (Manchester: Manchester University Press, 1938), 55. Outra referência de Stukeley ao jantar de 24 de junho de 1721, até agora despercebida, está na Bodleian Library, MS Eng. misc. e. 121: f. 30: “[1721] 24 de junho. Jantei com o D. Montagu etc. no Banquete dos Maçons Livres, Stationers Hall”.

⁷⁷T. P. Connor, “Herbert, Henry, ninth earl of Pembroke and sixth earl of Montgomery (c.1689-1750)”, e Andrew W. Moore, “Fountaine, Sir Andrew (1676-1753)”, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; ed. em linha, maio de 2009 (<http://www.oxforddnb.com/view/article/13033>, acesso em 2 de agosto de 2016); Berman, *Foundations*, 105, 125, 135, 179.

⁷⁸Knoop, Jones e Hamer, *Masonic Manuscripts*, 55-7; G. P. Speth, “The Stukeley-Payne-Cooke MS”, *AQC* 4 (1891), 69-70; *Family Memoirs*, vol. i, 64, n. 18. Esse desenho está presumivelmente com os demais papéis de Stukeley na Bodleian Library, mas até agora não foi localizado.

introduzidos pela “ignorância dos *Copistas*, nas eras obscuras e iletradas, antes do renascimento da *Geometria* e da antiga *Arquitetura*”.⁷⁹

Stukeley descreve George Payne como Grão-Mestre em seu relato da instalação de Montagu, mas surpreende que o socialmente bem relacionado Stukeley, ou a loja da Salutation, aparentemente não soubesse do papel de Payne seis meses antes. Teria Payne assumido esse posto apenas no início de 1721? Do mesmo modo, notícias de jornal afirmam que entre duzentos e trezentos maçons compareceram ao banquete no Stationers’ Hall, o que sugere uma grande mudança desde janeiro. Parece que, durante a primeira parte de 1721, a Maçonaria de fato “pegou” e que Stukeley esteve intimamente envolvido nesses desdobramentos. Em dezembro de 1721, Stukeley ajudou a fundar uma loja na taberna Fountain, no Strand, constituída pelo Dr. Beal, o Grão-Mestre Adjunto, e Stukeley foi escolhido seu primeiro Mestre.⁸⁰ Descreve como, em 1722, a loja da Fountain recebeu visitantes tão distintos quanto o Duque de Queensberry, o Duque de Wharton, Lorde Hinchinbrooke, Lorde Dumbarton e Lorde Dalkeith.⁸¹ O prestígio social da loja da Fountain teve eco nas notícias sobre a Maçonaria na imprensa.

A impressão dada pelas recordações de Stukeley, de que a Grande Loja irrompeu em cena em 1721, é corroborada por outra fonte, menos conhecida, que fornece a descrição mais autorizada da criação da Grande Loja. Trata-se de uma cópia contemporânea de uma ata que descreve a reunião de 24 de junho de 1721, nos registros da Lodge of Antiquity nº 2, a loja que se reunia na Goose and Gridiron. Esse registro tem sido largamente negligenciado, e somos extremamente gratos ao Venerável Mestre, ao Secretário e aos irmãos da Lodge of Antiquity

⁷⁹1723 *Book of Constitutions*, 73.

⁸⁰Bodleian Library, MS Eng. misc. c.533, f. 36; *Family Memoirs*, i, 66.

⁸¹Bodleian Library, MS Eng. misc. c.533, f. 36v.

pela permissão de examinar o manuscrito e de dele tomar algumas imagens.

Uma tragédia para o estudo da história da Maçonaria foi a “noite do ultraje” na Lodge of Antiquity, em novembro de 1778, quando partidários de William Preston, em sua disputa com a Grande Loja, apoderaram-se dos registros e do mobiliário da loja.⁸² À época desse incidente, a loja possuía um conjunto completo de livros de atas de 1721 a 1778, além de três volumes de contas de Tesoureiros e Guardas-Templo. Os dois volumes que continham as atas de 1721 a 1733 estão hoje desaparecidos, e outros volumes tiveram folhas cortadas. A perda dessas atas iniciais é desastrosa. Há, contudo, um livro de rascunhos nos registros da loja, marcado com a letra E, que contém algumas atas antigas. Felizmente, esse volume conserva a encadernação original, na qual está colado o cartão comercial de Charles Stokes, “Papeleiro no Red-Lyon, perto de Bride-Lane, em Fleet Street”. O cartão traz a data de 1716, presumivelmente a data em que foi gravado. Stokes era também conhecido pela venda do “famoso Tabaco Oftálmico, que Fumega muito suave e agradável ao Olfato”, anunciado por ele extensamente a partir de 1720, e as folhas podem ser vistas no cartão comercial.⁸³ Stokes, “Pessoa engenhosa que colecionara várias Medalhas, Quadros e outras Curiosidades”, morreu em 10 de junho de 1741.⁸⁴ A filiação de Stokes à loja está registrada no Livro E da Antiquity e, em 1719, ele oferecia aulas de geometria, álgebra e matérias afins com Jonathan Sisson.⁸⁵

Graças à sobrevivência da encadernação e do cartão comercial, sabemos que o Livro E dos registros da Lodge of Antiquity é anterior à

⁸²W. H. Rylands e C. Firebrace, *Records of the Lodge Original, No. 1, now the Lodge of Antiquity, No. 2* (Londres: Harrison, 1911-26), vol. i, 1-14; C. Dyer, *William Preston and his Work* (Shepperton: Lewis Masonic, 1987), 67.

⁸³Por exemplo, *Applebee's Weekly Journal*, 6 de agosto de 1720. Ver ainda F. Doherty, *A Study in Eighteenth-Century Advertising Methods: The Anodyne Necklace* (Lampeter: Edwin Mellen Press, 1992), 349-50.

⁸⁴*London Daily Post and General Advertiser*, 11 de junho de 1741.

⁸⁵*Evening Post*, 9-11 de julho de 1719.

interferência de Preston nos registros da loja, tendo provavelmente sido fornecido à loja por Stokes no início da década de 1720. Boa parte do livro não foi usada senão alguns anos depois de sua aquisição, e ele contém atas da loja de 1759 a 1767 nos fólhos 9v-85 e contas da loja do fólho 148v até o fim do volume. Há também notas diversas, por exemplo, sobre a entrega de uma chapa para a impressão de bilhetes em julho de 1751 e sobre o reembolso de fundos pagos em uma comunicação trimestral de abril de 1756, no fólho 7v. No fólho 124v há uma lista inacabada de Grandes Oficiais, interessante porque omite Anderson como Grande Vigilante em 1723. Essa lista, porém, é muito tardia, estando na mesma letra das atas da loja de 11 de junho a 26 de agosto de 1766. O volume não escapou incólume às ações de Preston e, nos fólhos 125-133, há alguns extratos em letra do final do século XVIII que pretendem provir dos livros de atas perdidos de 1721-33. Como Wonnacott assinalou,⁸⁶ estão em uma letra que não pode ser muito anterior a 1765, e muitos deles guardam uma semelhança inquietante com notas de rodapé das obras de William Preston, o que sugere serem versões higienizadas e corrigidas das atas, preparadas sob sua direção.

No entanto, logo no princípio do Livro E há dois documentos que podem ser datados com segurança do início da década de 1720. Depois de uma cópia da estampa do Duque de Montagu feita por John Faber, vem, no fólho 2, uma ata que descreve a instalação do Duque de Montagu em junho de 1721 e, nos fólhos 4-5, uma lista de membros da loja datada de 18 de setembro de 1721. O início dessa lista de membros está na mesma letra da ata da instalação de Montagu. Os acréscimos iniciais à lista, registrando o ingresso na loja de figuras como o 1º Conde Waldegrave e Sir Charles Hotham, deputado por Beverley,⁸⁷ são

⁸⁶W. Wonnacott, "The Lodge at the Goose and Gridiron", *AQC* 25 (1912), 168.

⁸⁷Sobre Waldegrave, ver Berman, *Foundations*, 148-50; sobre Hotham, ver E. Cruickshanks e I. McGrath, "Hotham, Sir Charles, 4th Bt", in D. Hayton, E. Cruickshanks e S. Handley (eds.), *The History of Parliament: the House of Commons 1690-1715* (Londres: History of Parliament Trust, 2002), disponível em linha em <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1690-1715/member/hotham-sir-charles-1663-1723> (acesso em 2 de agosto de 2016).

feitos, primeiro, pela mão original e, depois, por uma variedade de mãos que parecem ser (como no caso do gravador Benjamin Cole) assinaturas dos próprios membros. Os últimos registros referem-se a iniciações em 15 de março de 1725/6, o que significa que a lista não pode ser posterior a 1726. A maioria dos membros nomeados na primeira seção da lista aparece na lista de membros da loja da Goose and Gridiron de 1723. Outros são nomeados na lista de 1725, embora alguns figurem como membros da loja da Queen's Arms, no adro de São Paulo (para onde a loja da Goose and Gridiron acabou por se mudar).⁸⁸ Isso sugere que a relação entre essas lojas talvez seja mais complexa do que se supunha, talvez em razão do envolvimento do Duque de Wharton como Mestre da loja da Queen's Arms. Seja como for, essa lista de membros reflete a composição da loja no início da década de 1720 e foi copiada no livro mais ou menos naquele tempo. O nome do mestre "William Esquire" parece à primeira vista um erro de escrivão, mas provavelmente há de ser identificado com o "William Esquire" cuja filha Ann foi batizada em St Botolph Aldgate em 1710.⁸⁹ Se assim for, ele é o primeiro mestre registrado da Lodge of Antiquity.

Uma vez que a lista de membros do Livro de Atas E da Lodge of Antiquity data do início da década de 1720, isso estabelece que o relato da instalação do Duque de Montagu, na mesma letra, foi escrito pouco depois de 1721 e pode ser considerado um registro contemporâneo. Essa ata amplia consideravelmente a lista de nobres e de cavalheiros abastados que compareceram ao evento. Concorde com Stukeley ao mencionar a presença de Lorde Herbert e de Sir Andrew Fountaine e assinala também a presença de Lorde Hinchinbrooke,⁹⁰ que depois

⁸⁸A Queen's Arms tornou-se depois célebre pelo patrocínio do Dr. Johnson, de Boswell e de Garrick. Na década de 1720, era também frequentemente conhecida como King's Arms, mas, por coerência, emprega-se aqui a designação mais conhecida, Queen's Arms.

⁸⁹"England Births and Christenings, 1538-1975", base de dados Family Search: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:NVSV-T6F> (acesso em 2 de agosto de 2016).

⁹⁰Sobre Hinchinbrooke, ver E. Cruickshanks e S. Handley, "Montagu, Edward Richard, Visct. Hinchinbrooke", in *The History of Parliament: the House of Commons 1690-*

visitou Stukeley na loja da Fountain. Afirma ainda que estava presente Lorde Hillsborough, amigo íntimo do Duque de Wharton.⁹¹ A ata não menciona explicitamente a presença de Lorde Stanhope, embora o P—Stanhope arrolado possa referir-se a ele. O William Stanhope arrolado é presumivelmente o irmão mais moço de Lorde Stanhope. A ata acrescenta também aos presentes certo número de baronetes e cavalheiros, como Sir William Leman, 3º bart., Sir George Oxenden, 5º bart., deputado *whig* por Sandwich,⁹² Sir Robert Rich, 4º bart., à época deputado por Dunwich e apoiador de Walpole,⁹³ Sackville Tufton, depois 7º Conde de Thanet, e o Coronel John Cope, depois deputado por Queenborough e outro apoiador de Walpole.⁹⁴ A ata menciona ainda a presença de Christopher Wren júnior, que viria a ser Mestre da Lodge of Antiquity, bem como de outros membros das lojas da Goose and Gridiron e da Queen's Arms, tais como Richard Boulton, Charles Hedges e William Western, Membro da Royal Society.⁹⁵

A ata da Antiquity mostra que a iniciação de Montagu contou com um imponente conjunto social. A surpresa maior da ata é sua afirmação

1715, disponível em linha em <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1690-1715/member/montagu-edward-richard-1692-1722>; Berman, *Foundations*, 135.

⁹¹Berman, *Foundations*, 143.

⁹²R. Sedgwick, "Oxenden, Sir George, 5th Bt.", in *The History of Parliament: the House of Commons 1715-1754*, ed. R. Sedgwick (Londres: History of Parliament Trust, 1970), disponível em linha em <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1715-1754/member/oxenden-sir-george-1694-1775> (acesso em 2 de agosto de 2016).

⁹³S. Matthews, "Rich, Sir Robert, 4th Bt.", in *The History of Parliament: the House of Commons 1715-1754*, disponível em linha em <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1715-1754/member/rich-sir-robert-1685-1768> (acesso em 3 de agosto de 2016); S. Sommers, "Dunwich: the Acquisition and Maintenance of a Borough", *Proceedings of the Suffolk Institute of Archaeology and History*, 38 (1995), 317-8; Berman, *Foundations*, 127-8.

⁹⁴A. Newman, "Cope, John", in *The History of Parliament: the House of Commons 1715-1754*, disponível em linha em <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1715-1754/member/cope-john-1690-1760> (acesso em 3 de agosto de 2016).

⁹⁵http://www.freemasonry.london.museum/os/wp-content/resources/frs_freemasons_complete_jan2010.pdf (acesso em 3 de agosto de 2016).

de que o Duque de Wharton compareceu. Isso não é inerentemente improvável, mas uma notícia de imprensa de 5 de agosto de 1721 declarava que Wharton só fora admitido na Sociedade dos Maçons Livres, na loja da Queen's Arms, no adro de São Paulo, no final de julho de 1721.⁹⁶ Ainda que isso levante uma interrogação sobre a sequência exata dos acontecimentos relativos à iniciação de Wharton, não desacredita o relato da Antiquity.⁹⁷ Descrevendo a reunião como “uma Assembleia Geral de Grande Número de Maçons Livres”, a ata declara que o Duque de Montagu foi instalado em forma Grão-Mestre dos Maçons e jurou sobre a bíblia

Observar e manter Invioláveis em todo o tempo Vindouro as Franquias e Liberdades dos maçons livres da Inglaterra e todos os registros do tempo Antigo sob a custódia da Velha Loja de São Paulo, em Londres.

Ainda que essa ata visasse evidentemente a reforçar as pretensões da loja, parte da pretensão da loja repousava evidentemente em sua posse de registros dos Antigos Deveres. Nesse contexto, a apresentação por Payne de um manuscrito muito mais antigo teria claramente complicado as coisas, dando peso à segunda parte do juramento prestado por Montagu, de que

firmente se dava por obrigado e vinculado a nunca ser conivente com qualquer Usurpação dos Landmarks das velhas Lojas da Inglaterra, nem a permitir que o mesmo fosse feito por seus sucessores, os quais também ficarão vinculados por juramento ao mesmo.

Em contrapartida, as velhas lojas concordaram em entregar em confiança seus privilégios a um novo corpo, que era a Grande Loja:

Neste dia os Maçons Livres de Londres, em Nome de si mesmos e do restante de seus Irmãos da Inglaterra, investiram seus

⁹⁶Robbins, “Earliest Years”, 68.

⁹⁷Cf. Wonnacott, “Goose and Gridiron”, 171. É possível que nenhum ritual tenha sido realizado no jantar de 24 de junho de 1721, caso em que Wharton e os demais podem não ter sido iniciados nessa ocasião.

separados e distintos direitos e poderes de congregar-se em Capítulo etc. nas presentes velhas Lojas de Londres em confiança, e o mesmo foi neste dia Publicamente Reconhecido e Notificado a seus Irmãos na Grande Loja reunida.

Os Mestres das Velhas Lojas Aceitaram a Confiança em nome de suas Lojas e foram juramentados em conformidade.

Assim, o mais completo e detalhado relato contemporâneo da instalação do Duque de Montagu afirma que o ato de investir os privilégios das velhas lojas londrinas no Grão-Mestre e na Grande Loja ocorreu não na Goose and Gridiron em 1717, mas na reunião do Stationers' Hall em 1721. Esse relato é convincente não apenas por ser um registro mais contemporâneo que o de Anderson, mas também por harmonizar-se com o relato de Stukeley e com o conjunto das evidências provenientes de jornais e de outras fontes. Parece que George Payne, com o auxílio de Desaguliers e talvez de Stukeley e de outros, havia concebido nos meses anteriores um plano para desenvolver a Maçonaria como atividade social e cultural, e obtivera certo número de recrutas prestigiosos, notadamente Montagu, mas talvez também Wharton. Payne foi evidentemente o diretor de cena dessa operação, preparando regulamentos para o novo corpo, e pode ter sido reconhecido como Grão-Mestre nesse processo. Mas o significado da ata da Antiquity é claro: a Grande Loja foi fundada não na Goose and Gridiron, em 24 de junho de 1717, mas quatro anos depois, quando as lojas londrinas fizeram uma transferência formal de seus privilégios ao novo corpo, em 24 de junho de 1721, no Stationers' Hall. O relato de Anderson sobre o que se passou entre 1717 e 1721 deve ser descartado.

A ata da Antiquity indica por que a Grande Loja poderia ter empenho em deixar claro que não devia obrigações às lojas londrinas mais antigas e em promover uma visão alternativa de suas origens. Mas e quanto a Sayer, Lamball e suas pretensões de terem sido os primeiros Grandes Oficiais em 1717? Como surgiram essas histórias? Parece que Sayer e outros promoveram tais histórias para ajudar a obter auxílio

caritativo da Grande Loja. À medida que as fizeram circular na década de 1730, elas forneceram material útil a William Reid e a Anderson, incumbidos de demonstrar como a Grande Loja derivava de tradições anteriores. Para ter uma ideia da dinâmica que moldou esse processo, voltemos à loja que alegava ter-se reunido na Apple Tree, em Charles Street.

Em 1723, a loja que alegara reunir-se na Apple Tree estava sediada na Queen's Head, em Knave's Acre. Knave's Acre era também conhecida como Little Pulteney Street e é hoje o trecho oriental de Brewer Street, no Soho. Strype descreveu Knaves Acre como “estreita, e habitada principalmente por aqueles que negociam com Bens velhos e Garrafas de Vidro”.⁹⁸ A rua tinha reputação duvidosa, havendo, por exemplo, queixas sobre casas noturnas desregradas, “onde se abrigam e se acolhem diversos Ladrões suspeitos, Batedores de carteira e outras pessoas dissolutas e perversas... com Gritos de Assassinato etc.”.⁹⁹ Anúncios de jornal de um “grande específico contra sezões”, pó com garantia de dispersar febres, instruíam os fregueses a subir “um Lance de Escadas na casa de um Marceneiro, ao Lado da Queen's Head, Little Poulteney Street, Knaves Acre”.¹⁰⁰ Havia pouco tempo ocorrera alguma reconstrução de imóveis nas cercanias de Knave's Acre,¹⁰¹ e não é claro desde quando a Queen's Head ali se estabelecera. Embora a loja da Queen's Head apareça em segundo lugar nas primeiras listas gravadas de lojas e nas listas de membros, reunia-se sob carta constitutiva da Grande Loja datada de 27 de fevereiro de 1723. A razão pela qual essa carta foi expedida é misteriosa. Anderson afirma, em

⁹⁸Stow e Strype, *Survey*, vol. ii, 84.

⁹⁹*London Evening Post*, 20-22 de julho de 1732.

¹⁰⁰*Weekly Journal or British Gazeteer*, 22 de fevereiro de 1729.

¹⁰¹“Brewer Street and Great Pulteney Street Area”, in F. Sheppard (ed.), *Survey of London: Volumes 31 and 32, St James Westminster, Part 2* (Londres: London County Council, 1963), 116-37, disponível em linha em *British History Online*, <http://www.british-history.ac.uk/survey-london/vols31-2/pt2/pp116-137> (acesso em 13 de julho de 2016); uma anciã foi encontrada morta no porão de uma casa recém-construída em Knave's Acre em janeiro de 1722: *Daily Journal*, 10 de janeiro de 1722.

1738, que se deveu ao fato de alguns membros da loja da Apple Tree se terem mudado para a Queen's Head em razão de alguma disputa,¹⁰² mas, dada a incerteza quanto à identificação da Apple Tree, essa explicação tem ares de subterfúgio. É de duvidar que a loja algum dia se tenha reunido em outro lugar que não a Queen's Head.

Supôs-se que essa loja se compusesse principalmente de pedreiros de ofício e de outros artífices, mas não era esse o caso. Seu mestre em 1723, Abraham Rayner, era advogado,¹⁰³ e outro membro da loja, Moses Jevans, era destilador.¹⁰⁴ Não era, contudo, uma loja particularmente rica nem respeitável. Abraham Rayner esteve preso em Newgate por dívida durante três anos e foi acusado de tentar ludibriar um companheiro de prisão para tomar-lhe dinheiro.¹⁰⁵ Os fragmentos de informação disponíveis sobre Sayer, que alegava ter sido o primeiro Grão-Mestre, mostram um homem em circunstâncias apertadas. Vivia no pobre bairro de St Giles in the Fields e dependia da caridade de irmãos maçons para aquecer-se no tempo frio.¹⁰⁶ Sua primeira mulher, Elizabeth, foi violentamente agredida por um grupo de irlandesas em 1736 e morreu no ano seguinte.¹⁰⁷ Em 1739, Sayer casou-se com uma viúva chamada Eliza May em um barato e discreto casamento do Fleet.¹⁰⁸ Não obstante, quando Sayer morreu, em 1742,

¹⁰²1738 *Book of Constitutions*, 185.

¹⁰³<http://www.londonlives.org/browse.jsp?id=t17331010-4-defend46&div=t17331010-4#highlight> (acesso em 13 de março de 2016).

¹⁰⁴Testamento datado de 15 de abril de 1735: <http://londonlives.org>, ref. wills_1730_1739_2531224_684297 (acesso em 12 de outubro de 2016).

¹⁰⁵<https://www.oldbaileyonline.org/browse.jsp?name=17331010> (acesso em 3 de agosto de 2016): ref. nº t17331010-4.

¹⁰⁶A. Calvert, "Antony Sayer", *AQC* 14 (1901), 183.

¹⁰⁷<http://londonlives.org>: Middlesex Sessions: Sessions Papers — Justices' Working Documents, 17 de janeiro de 1736 (London Lives ref. LMSMPS503140088); Registro de sepultamentos, St. Margaret, Westminster, 12 de agosto de 1737.

¹⁰⁸*King's Arms Register*, Fleet Market, 10 de junho de 1739: <http://ancestry.com>, *London, England, Clandestine Marriage and Baptism Registers, 1667-1754* (acesso em 4 de agosto de 2016).

seu funeral em St Paul's, Covent Garden, foi acompanhado por uma esplêndida coorte de irmãos maçons.¹⁰⁹

À medida que a Grande Loja crescia, a gestão de seus fundos de caridade tornou-se motivo de preocupação crescente. Desaguliers instou, em 1729, que a Grande Loja “não admitisse na Sociedade pessoa alguma de quem se possa supor que entra em vista dos pães”.¹¹⁰ Isso tornou-se tema recorrente. Na comunicação trimestral de 1735, quando se ordenou a Anderson que incluísse uma lista de Grão-Mestres no novo *Livro das Constituições*, aprovou-se uma resolução segundo a qual, a fim de impedir que pessoas se tornassem maçons para beneficiar-se dos fundos de caridade, todas as petições de auxílio deveriam incluir provas de que o peticionário estivera em “circunstâncias respeitáveis ou ao menos toleráveis” enquanto maçom.¹¹¹

Se por um lado a loja da Queen's Head contribuía regularmente para os fundos de caridade, por outro pesava muito nas demandas sobre as reservas caritativas. As demandas feitas à Grande Loja nesse período são ilustradas pela carreira de Henry Pritchard, marceneiro de Drury Lane, membro da loja da Queen's Head e de outras lojas maçônicas de Londres. Em maio de 1723, fora julgado por agressão, depois de haver fraturado o crânio de um homem chamado Abraham Barrett, de quem se disse ter insultado a Sociedade dos Maçons Livres de maneira escandalosa, com muitas expressões indecentes. O júri considerou Pritchard culpado, mas, em vista da provocação, multou-o em apenas 20 xelins.¹¹² A Grande Loja estava decidida a que Pritchard não saísse perdendo por sua defesa da Ordem, e arrecadou para ele mais de vinte e oito libras.¹¹³ Apesar dessa generosa benfeitoria, cinco anos depois Pritchard estava de novo na penúria e recebeu auxílio da

¹⁰⁹*London Evening Post*, 16-19 de janeiro de 1742.

¹¹⁰*QCA* 10, 105.

¹¹¹*QCA* 10, 251.

¹¹²*Daily Post*, 18 de maio de 1723.

¹¹³*QCA* 10, 54-5.

loja da Queen's Head.¹¹⁴ Em 1730, apresentou-se à Grande Loja uma petição de Pritchard na qual ele reforçava sua pretensão declarando que era maçom desde 1700. A petição foi indeferida, com a observação de que se oferecera a Pritchard um lugar na casa de trabalho, mas que ele o recusara.¹¹⁵ No ano seguinte, Pritchard voltou com outra petição à Grande Loja, expondo sua pobreza, sua idade e sua cegueira e declarando ser maçom havia quarenta anos, o que situaria sua iniciação em 1690. Dessa vez a petição de Pritchard foi bem-sucedida, e ficou acordado que Desaguliers lhe pagaria cinco libras dos fundos de caridade e que o doutor cuidaria de que Pritchard as usasse com prudência.¹¹⁶

O caso de Pritchard ilustra como o auxílio caritativo oferecido pela Grande Loja se revelava cada vez mais atraente para os membros que eram artífices e artesãos, mas também como a cautela da Grande Loja na gestão do fundo encorajava os peticionários a enfatizar a longevidade e a antiguidade de seu vínculo com a Ordem. Outro membro da loja da Queen's Head que fez pesadas demandas à caridade da Grande Loja foi o próprio Sayer. Já se observou que a pretensão de Sayer de haver sido Grão-Mestre não é mencionada nas *Constituições* de 1723. Sayer também se calou sobre essa pretensão em 1724, quando foi um dos primeiros suplicantes de auxílio caritativo à Grande Loja, e seu caso ajudou a impulsionar a criação de uma caridade geral.¹¹⁷ Em abril de 1730, Sayer peticionou à Grande Loja descrevendo seus grandes infortúnios e sua pobreza e, então pela primeira vez, reforçou sua pretensão declarando ser um ex-Grão-Mestre.¹¹⁸ A Grande Loja dividiu-se quanto ao modo de reagir à súplica de Sayer — alguns estavam dispostos a dar-lhe vinte libras, mas outros julgavam isso demasiado generoso e queriam oferecer apenas dez. Ao final,

¹¹⁴QCA 10, 115.

¹¹⁵QCA 10, 134.

¹¹⁶QCA 10, 208-9.

¹¹⁷QCA 10, 59.

¹¹⁸QCA 10, 123.

acordou-se dividir a diferença e pagar-lhe quinze libras; mas a ressalva de que lhe seria dada essa soma “em razão de haver sido Grão-Mestre” parece destinada a indicar que somente alguém com pretensões tão excepcionais poderia esperar tal assistência. Poucos meses depois, Sayer foi acusado pelo Mestre e pelos Vigilantes da loja da Queen’s Head de fazer maçons irregularmente, o que sugere que Sayer encontrara outro modo de converter sua pretensão de haver sido Grão-Mestre em vantagem financeira.¹¹⁹

Se Sayer claramente explorou sua pretensão de ser Grão-Mestre em proveito pessoal, parece que a loja da Queen’s Head pode também ter tido suas próprias razões para apoiar as pretensões de membros como Pritchard e Sayer de terem sido maçons antes da fundação da Grande Loja. Em 1729, a Grande Loja revisara a numeração de suas lojas, dispondo-as na ordem da data de sua constituição. Como a carta constitutiva detida pela loja da Queen’s Head datava de 1723, ela caiu na lista e foi colocada em nº 11. A queixa da loja de que deveria estar mais acima foi peremptoriamente rejeitada pelo Grão-Mestre Adjunto, Alexander Choke, o que sugere que alguns na Grande Loja duvidavam das pretensões formuladas pela loja da Queen’s Head e por seus membros.¹²⁰ Pouco depois, alterou-se a constituição do comitê de caridade da Grande Loja, de modo que os mestres das lojas mais antigas passaram a integrá-lo.¹²¹ A perda de antiguidade afetava potencialmente a capacidade de a loja da Queen’s Head participar da gestão da caridade, e era natural que estivesse ansiosa por reverter a decisão da Grande Loja.

Sayer, Lamball e os demais urdiram sua história de terem sido os primeiros Grandes Oficiais por prestígio social e para melhorar suas perspectivas de auxílio caritativo da Grande Loja. Sua loja também tinha empenho em reivindicar antiguidade por razões semelhantes.

¹¹⁹*QCA* 10, 131, 137-8.

¹²⁰*QCA* 10, 106.

¹²¹*QCA* 10, 129.

Solicitado pela Grande Loja a demonstrar sua antiguidade diante da concorrência das novas Grandes Lojas de Dublin e de Edimburgo, e a apoiar a agenda política da Grande Loja, Anderson achou úteis as narrativas de Sayer, Lamball e outros. Muito mais pesquisa se faz necessária sobre o contexto do estabelecimento da Grande Loja, e não é possível cobrir todo o terreno aqui; mas o ponto essencial é que a Grande Loja não foi fundada na Goose and Gridiron em 1717, na sequência de reuniões na Apple Tree. A melhor interpretação das evidências disponíveis é que a Grande Loja foi fundada com a instalação do Duque de Montagu como Grão-Mestre em 1721. Isso põe acontecimentos como a visita de Desaguliers a Edimburgo, em agosto de 1721, em contexto muito diverso; mas isso fica para investigação futura.

Sugeriu-se que poderíamos concluir esta conferência convidando a Grande Loja a adiar as celebrações do tricentenário para 2021, mas não desejaríamos fazê-lo. Preferiríamos ver o aniversário tornar-se um acontecimento que desencadeie muito mais investigação sobre a história inicial da Grande Loja. Na história da Apple Tree e da Goose and Gridiron, Anderson criou um mito excepcionalmente duradouro. É um mito que foi adotado por outras organizações fraternas. O druídico Circle of the Universal Bond alegou que, em 1716, John Toland fez uma proclamação em Primrose Hill (onde o *Gorsedd* galês primeiro se reuniu) conclamando todos os druidas a reunir-se na taberna Apple Tree, em Covent Garden, e que, em setembro de 1717, o Druid Circle of the Universal Bond foi estabelecido na taberna Apple Tree (vindo William Stukeley a tornar-se depois o segundo Chefe da ordem).¹²² Tais mitos de fundação são fundamentais para todas as organizações fraternas, e Anderson tinha consciência da importância de tais lendas. Como ele próprio disse no prefácio de suas *Royal Genealogies*, é importante “deixar que cada Nação goze de sua própria *Fábula*”.

¹²²R. Hutton, *Blood and Mistletoe: The History of the Druids in Britain* (New Haven e Londres: Yale University Press, 2009), 125-9.

NOTAS DO TRADUTOR

Estas três notas destinam-se unicamente a esclarecer particularidades materiais do original e não interferem no argumento dos autores.

1. **Notas 29, 33, 36 e 40 — as remissões “supra, 000” e “infra, 000”.** No original essas remissões aparecem com a paginação por preencher, na forma tipográfica “000”. Remetem a outros trabalhos publicados no mesmo volume do tricentenário, em especial ao estudo companheiro de Susan Mitchell Sommers e Andrew Prescott, “New Light on the Life of James Anderson”. Foram mantidas tal como se encontram no texto que serviu de base a esta tradução.
2. **Nota 1 e corpo do texto — a conferência Sankey.** A nota 1 refere a “Dr Charles A. Sankey Lecture”, ao passo que o corpo do texto menciona a “conferência Edward A. Sankey”. A série mantida pela Brock University, em Ontário, denomina-se Charles A. Sankey Lecture in Masonic Studies; a divergência é do original e foi preservada.
3. **Nota 67 — a data do periódico na fonte citada.** A nota remete ao *Country Journal or The Craftsman*; o original traz “24 de novembro de 1729”. Como a nota documenta a apresentação das *Constituições* de 1738 ao Príncipe de Gales, e o anúncio companheiro é de 3 de novembro de 1739, tudo indica tratar-se de 1739. A forma do original foi mantida, e o leitor fica advertido.